

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

KISSIA ROCHESSO GIORIZZATTO
RAPHAELA SALES PEREIRA

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE**

VITÓRIA
2012

KISSIA ROCHESSO GIORIZZATTO
RAPHAELA SALES PEREIRA

LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para conclusão do curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Dalvi.

VITÓRIA
2012

KISSIA ROCHESSO GIORIZZATTO
RAPHAELA SALES PEREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Literatura na Educação Infantil: contribuições para a prática docente”, apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

Aprovada em 12 de setembro de 2012.

Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Dalvi
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Valdete Côco
(Membro Titular)

Prof. Me. Fabiano Moraes
(Suplente)

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco.

Jorge Larrosa Bondía

RESUMO

Buscaremos, a partir de uma pesquisa bibliográfica, de base histórico-cultural, discutir concepções de literatura para crianças e sua apropriação na educação infantil, assim como suas contribuições no desenvolvimento das crianças. Analisaremos os três livros de leitura selecionados como *corpus* principal (*Por Favor, Obrigado, Desculpe; Um Mundinho de Paz e Flicts*), eleitos a partir de indicação de professores atuantes na educação infantil do município de Vila Velha (ES), apresentando suas características, como capa, imagem, textura, cor, texto verbal etc., tomando consciência da importância de cada um desses aspectos materiais/conteudísticos presentes no livro de literatura infantil para uma utilização mais adequada, que leve a um resultado (pro)positivo em diferentes níveis. Discutiremos também o que o professor deve avaliar na escolha de um livro literário para a educação infantil. Partimos do pressuposto de que um livro, em especial destinado a crianças, não se esgota no “texto”. Entendemos ser importante pensar os objetos culturais (como os livros de literatura trabalhados na educação infantil) como vinculados a práticas e representações social e historicamente constituídas (CHARTIER, 1990). Concluímos que as escolhas e apropriações que são feitas pelo mercado/sistema editorial, pela escola e pelos professores, certamente são indícios de como se pensam a(s) linguagem(ns), a educação infantil e, por extensão, a própria criança.

Palavras-chave: Literatura infantil. Educação infantil. Prática docente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. LITERATURA INFANTIL: APRESENTAÇÃO E BREVE HISTÓRICO	10
1.1 FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL: A QUESTÃO DO TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO	14
2. O CORPUS PRINCIPAL E A METODOLOGIA DE ANÁLISE	18
2.1 <i>POR FAVOR, OBRIGADO, DESCULPE</i> , DE BECKY BLOOM E PASCAL BIET	18
2.2 <i>UM MUNDINHO DE PAZ</i> , DE INGRID BIESEMEYER BELLINGHAUSEN	26
2.3 <i>FLICTS</i> , DE ZIRALDO	28
3. CONTRIBUIÇÕES PARA O TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	34
3.1 OS ASPECTOS MATERIAIS E CONTEUDÍSTICOS DOS LIVROS: ESTRATÉGIAS E RECURSOS DE ABORDAGEM	34
3.2 A POLÊMICA QUESTÃO DA FAIXA ETÁRIA E DA ADEQUAÇÃO	36
4. ANALISANDO LIVROS DE LITERATURA INFANTIL: PRÊMIOS E CLASSIFICAÇÕES	39
4.1 FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL: LIVROS ALTAMENTE RECOMENDADOS	39
4.2 O PRÊMIO JABUTI	40
CONCLUSÕES	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	48

INTRODUÇÃO

Escolhemos esse tema, a Literatura na Educação Infantil – e, em particular, as contribuições que se pode dar à prática docente, no que diz respeito a isso –, devido ao pequeno número de pesquisas realizadas na área, proporcionalmente à sua importância. Dizemos dessa importância pensando na urgência que é a inserção dos livros de literatura na educação infantil. Sabe-se que o caminho mais seguro para desenvolver o gosto das crianças pela leitura (e, assim, pelo lúdico e pela imaginação) desde cedo é garantindo o contato delas com as obras, desenvolvendo nesse contato um propósito não (só) pedagógico e de transmissão de valores, mas principalmente o prazer da leitura.

É preciso, nesse primeiro contato, se preocupar com a qualidade literária, buscando, assim, textos que tenham descrições ricas, misturadas com elementos narrativos que estimulem a imaginação, criando uma aventura interessante para as crianças; ou, então, que privilegiem uma linguagem poética lúdica, por meio dos recursos da oralidade, da musicalidade, do humor etc.. No entanto, muitos profissionais atuantes na educação infantil, por não terem tido na formação docente inicial uma formação especificamente voltada ao texto literário, ao selecionarem obras para leitura com as crianças, privilegiam textos doutrinadores, moralizadores.

Considerando a importância do papel do professor na escolha do livro para ser lido para/pelas crianças, salientamos a necessidade de que o professor tenha um olhar crítico perante a obra literária, sabendo perceber e avaliar as características presentes nos livros. Desse modo, nosso trabalho se justifica porque procura conhecer o trabalho com a literatura na educação infantil (e, portanto, as práticas e representações que permeiam a realidade escolar) e porque propõe critérios para o professor na análise das obras, atentando para seus aspectos textuais (verbais e imagéticos), materiais (capa, textura, suporte etc.) e pedagógicos.

Pretende-se com essa pesquisa auxiliar o professor na tarefa de escolher um livro que proporcione a compreensão por parte da criança, e sua inserção no mundo

literário. Temos como objetivo principal despertar no professor um olhar crítico em relação à escolha do livro de literatura a ser trabalhado por ele em sala de aula. Apresentaremos sugestões de critérios para o professor analisar as obras e juntamente analisaremos alguns dos livros de literatura que têm sido trabalhados na educação infantil, na faixa etária de 4 e 5 anos, como uma espécie de exemplo do tipo de análise que pensamos que deve ser feito pelo profissional da educação.

No próximo item, que compõe o primeiro capítulo de nosso trabalho, realizaremos um breve histórico da literatura infantil, apontando sua gênese, seus principais momentos e sua situação atual no Brasil. Já no capítulo seguinte, o segundo, promovemos uma descrição e uma análise inicial dos três livros citados como *corpus* privilegiado. No terceiro capítulo, apresentamos aspectos que auxiliam a ação docente na educação infantil, considerando os estudos sobre o trabalho com o texto literário no espaço-tempo escolar. Por fim, no capítulo quatro, destacamos alguns livros premiados pelo Prêmio Jabuti – considerado o mais importante prêmio da literatura no Brasil, que tem como uma de suas categorias o livro infantil –, e outros que receberam o selo de “Livros Altamente Recomendados” pela Fundação Nacional do livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Nossa pesquisa é bibliográfico-documental, ou seja, é desenvolvida através de material já existente, como livros e artigos e informações coligidas em sites e similares. Trabalhos que são elaborados com a utilização desse tipo de pesquisa podem ter uma perspectiva histórica, ou, simplesmente, podem fazer uma nova leitura e análise de todo esse material divulgado. Quase todas as pesquisas envolvem pesquisa bibliográfica, porém algumas se atêm somente a esse método, sem nenhuma outra fonte de coleta de dados. Uma das vantagens desse tipo de pesquisa é o baixo custo que ela gera, uma vez que depende somente do material e da disponibilidade do pesquisador para sua realização. A pesquisa bibliográfica se faz importante, pois é através dela que se toma conhecimento da produção científica acerca do assunto tratado:

Haverá situações em que são poucas as bibliografias específicas disponíveis sobre o tema de pesquisa. Em outros casos, ao contrário, haverá tanto material que o estudante deverá ter um caráter seletivo

que possibilite reter o essencial para o desenvolvimento da pesquisa, sob pena de perder o foco que efetivamente pretender contemplar. (RAUPP e BEUREN, 2006, p. 87)

Mesmo diante da subjetividade dos documentos e da leitura que deles se faz, deve-se lembrar que esse tipo de pesquisa se faz importante, uma vez que facilita um melhor entendimento acerca do problema pesquisado (ou seja, não porque traz soluções concretas para tal):

A pesquisa documental apresenta uma série de vantagens. Primeiramente, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, torna-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica. (GIL, 2002, s. p.)

Analisaremos, pois, em diálogo com textos críticos e teóricos sobre o assunto, os livros de literatura infantil que compõem nosso *corpus*, a saber: *Por favor, obrigado, desculpe; Flicts* e *Um mundinho de paz*, que foram escritos por Becky Bloom e Pascal Biet; Ziraldo; e Ingrid Biesemeyer Bellinghausen, respectivamente. Na eleição do *corpus*, empreendemos dois movimentos.

Realizamos o levantamento de vinte e quatro livros indicados pelo sítio eletrônico “Educar para crescer”, no qual dezoito educadores selecionaram 204 obras tidas como essenciais para serem lidas da Educação Infantil ao Ensino Médio; detivemo-nos em livros indicados para as crianças de 4 e 5 anos, faixa etária que será o foco da nossa pesquisa, e assim selecionamos os vinte e quatro livros que compuseram nosso levantamento inicial (Anexo 1). Em seguida, o nosso levantamento inicial foi apresentado aos professores de duas escolas situadas em Vila Velha (ES); eles foram entrevistados, juntamente com um questionário (Anexo 2), onde eles puderam dar sugestões de livros que conheciam e usavam com frequência na sua prática docente. Depois, a etapa seguinte foi detectar os livros mais citados, levando-se em conta a listagem apresentada e as respostas dos professores. Simultaneamente, procedemos a um levantamento bibliográfico de textos que abordassem os temas deste trabalho, que compõem o referencial aqui elencado, e que são requisitados no processo de crítica e análise que desenvolvemos.

1. A LITERATURA INFANTIL: APRESENTAÇÃO E BREVE HISTÓRICO

A história da literatura infantil é relativamente recente; de fato, constitui-se como gênero no século XVII e foi sendo traçada, desde então, tendo o século XVIII como o momento em que a criança passou a ser vista de um ângulo diferente do adulto, sendo considerada não mais um adulto em miniatura, mas um indivíduo com necessidades e características próprias. Anteriormente à construção da noção de “infância”, a literatura indicada para as crianças era a mesma que os adultos liam, não existia uma literatura especialmente voltada para as elas. Para atender às expectativas da sociedade burguesa e concretizar esse momento pelo qual a sociedade estava passando, a escola e a literatura passam a se voltar para o ensino de normas e condutas, com o objetivo de formar o futuro cidadão, que soubesse se comportar na sociedade burguesa. Inicialmente a literatura infantil cumpria somente o papel de educar e moldar a criança, não se pensava no imaginário e nem no lúdico infantil.

A partir dos séculos XVIII e XIX, muitos livros foram adaptados para as crianças, ou seja, a literatura destinada aos adultos era apenas modificada (ganhando uma nova “roupagem”) para que as crianças pudessem também ter acesso. Conforme Cunha (2006, p. 23), “No Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”.

Os primeiros livros surgiram na Europa, escritos por Perrault, Irmãos Grimm, Andersen, dentre outros; esses livros eram principalmente informativos, adaptações do folclore e dos contos de fadas. Já no Brasil somente em 1808 a literatura infantil começa a se disseminar com a implantação da Imprensa Régia, é aí que os primeiros livros para crianças começam a ser publicados no Brasil. Porém a circulação dos livros no país ainda é de fato muito precária e irregular. Com a carência de livros destinados ao público infantil no mercado brasileiro, muitas obras e textos europeus passaram por adaptações para permitir que as crianças tivessem acesso a eles.

José Nicolau Gregorin Filho (2009, p. 22-37), por exemplo, organiza a Literatura Infantil-Juvenil no Brasil em quatro momentos:

- 1) os precursores, do Brasil-Colônia até a década de 1920, quando se prezava a exemplaridade e a doutrinação;
- 2) o momento “Monteiro Lobato”, da década de 1920 a meados da década de 1980, quando se instaurou um relativismo de valores e se deu voz à criança;
- 3) o momento “Pós-Lobato”, de meados de 1980 a meados da década de 1990, quando se investiu no experimentalismo e numa literatura inquieta e questionadora que apelasse à curiosidade, ao dialogismo e à visualidade;
- 4) a contemporaneidade, de meados de 1990 à atualidade, quando se apresenta uma moral relativa, dada a ver nas múltiplas linguagens, na hipertextualidade e nos diálogos com o leitor, tendo por base o que preconiza a Lei de Diretrizes e Bases e os Parâmetros Curriculares Nacionais vigentes (incluindo os temas transversais, os movimentos sociais e de minorias e a Lei n. 11.645/2008).

Vale ressaltar a importância de Monteiro Lobato para a literatura infantil no Brasil, ele rompeu com alguns estereótipos burgueses e possibilitou às crianças maneiras de criar, recriar e imaginar. Suas obras retrataram o Brasil de sua época, com seus valores, organizações e funções, estimulando nas crianças a formação de sua consciência crítica. É ele quem divulga textos de outros autores, até então inéditos e recusados pelas editoras existentes na época.

Com Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens que percorrem e unificam seu universo ficcional. (CUNHA, 2006, p. 24)

Nesse sentido, observa-se a flagrante ruptura estabelecida por Lobato, que inova tanto na produção de obras que rompem com a tradicional postura pedagógico-conservadora presente nos textos da época, quanto na sua divulgação. Autor de uma obra renovadora pelo rompimento com os moldes tradicionais e pela criação de novas expectativas, Lobato tornou-se não apenas marco na literatura infantil brasileira, mas sua referência máxima (ALBINO, 2010, p. 8).

Nas décadas de 1940 a 60 a literatura infantil passa por um período de avanços e sucesso, profissionalização de autores, surgimento de editoras e um grande aumento do número do público leitor, porém acaba por cair na mesmice e na repetição ao tentar prolongar o sucesso que vinha obtendo. Nos anos de 1970 e 1980, institui-se e consolida-se uma tradição universitária de abordagem, discussão e problematização da literatura produzida para crianças. Contemporaneamente, a literatura infantil tem vivido um momento em que se vê, por um lado, impulsionada pelos progressos editoriais e, por outro, “constrangida” pela submissão à necessidade de ajustar-se às demandas escolares (já que, por exemplo, a abordagem dos chamados “temas transversais” institui-se em um dos grandes “nichos” ou “filões” de mercado para essa produção cultural).

A literatura é – para além de sua função cultural, social, história e política – arte e deleite, independentemente de ser considerada uma literatura para adultos ou para crianças. O que podemos salientar da literatura infantil é que ela não deve ser particularmente feita para fins didáticos, pedagógicos ou de incentivo à leitura, mas sim como uma forma de responder aos anseios do público infantil e instigar o imaginário e a fantasia das crianças.

Na criação de uma literatura infantil propriamente dita, muitos autores tiveram a intenção de criar livros formativos e informativos, e, devido a fatores como esses, muitos educadores ainda questionam a existência de uma literatura infantil, e afirmam que o moralismo contido nas histórias seria responsabilidade da “pedagogização” à qual as obras destinadas à infância foram submetidas. Nessa perspectiva, a “pedagogização” reduzia o literário (como artístico) em algo somente educativo, prevendo uma aprendizagem gradual e contínua.

A literatura infantil enquanto manifestação artística não é traição: apesar de ser sempre o adulto a falar à criança, se ele for realmente artista, seu discurso abrirá horizontes, proporá reflexão e recriação, estabelecerá a divergência, e não a convergência. E suas verdadeiras possibilidades educativas estão aí. Traição, sim, pode ocorrer no plano do educador, quando este escolhe para impingir à criança o livro de intenções pedagógicas, e não o literário. (CUNHA, 2006, p. 27)

A literatura infantil foi associada ao ensinamento desde seu surgimento, na Europa, quando os textos eram usados somente como recurso didático e propagador de ideias da sociedade burguesa. No Brasil esse quadro muda quando a literatura infantil passa a ser usada para despertar no leitor um espírito crítico, ampliando sua capacidade questionadora.

Hunt (2010) diz que, em função dessa origem controversa, para alguns acadêmicos a literatura infantil não chega nem a ser considerada um assunto, pois é desqualificada em seu próprio tema, destinada a um público tido como imaturo e inexperiente. É bastante comum nos depararmos com o discurso errôneo de que a literatura infantil é um gênero menor, abaixo das demais literaturas, gozando, portanto, de menor prestígio. Seria mais sensato dizer, contudo, que a literatura infantil é até mais abrangente do que a literatura para adultos, sendo que muito dos livros infantis agradam aos adultos, fato que não ocorre se invertermos os personagens, sendo que a literatura para adultos só serve a eles. Portanto, “o fato de [a literatura infantil e juvenil] ser recente pode aumentar equívocos de artistas e teóricos, na sua produção e análise. Mas não a invalida” (CUNHA, 2006, p. 26).

A tendência tradicional, que vê na literatura apenas um instrumento a serviço da doxa, ainda se relaciona à primeira das fases apresentadas por Gregorin Filho (2009), onde ainda se prezava a exemplaridade e a doutrinação. De acordo com Turchi, “A obra de literatura infantil falha quando não consegue construir pontos de vista em que a criança se reconheça, deixando sobressair a visão do adulto, sua autoridade, sua influência e ideologia” (2004, p. 39). Isso não quer dizer, contudo, que devemos ignorar os livros que não apresentem os aspectos apontados como “contemporâneos” e nem que não podemos deixar que a criança escolha o livro que deseja ler ou ouvir. É na multiplicidade e na variedade de experiências de leitura e de pontos de vista que se deve apostar.

A autora Bruna Longo Biasioli (2007) trata do tema “perfil do leitor infanto-juvenil na década de 1980 e entre os anos de 1994 e 2004”, a partir de uma pesquisa baseada

no levantamento de dados realizado pelo prof. Dr. Arnaldo Cortina (UNESP – Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara) em seu projeto de pesquisa intitulado “História da leitura no Brasil: 1960-2000”, sendo complementados com um levantamento de dados provindos das listas mensais de jornais, da revista *Veja* e da revista *Época*. Segundo a autora, ao analisar os dados presentes na pesquisa, foi possível notar como as preferências das crianças e dos jovens perante os livros sofrem mudanças de acordo com o período da história em que os mesmos se encontram. Ela também discute formas de incentivar as crianças e os jovens a terem nos livros momentos de lazer, e não somente como atividades obrigatórias das escolas, transformando, por exemplo, os livros tradicionalmente conhecidos como “paradidáticos” em obras em que as crianças de fato se interessem, auxiliando assim na constituição de futuros adultos leitores, que terão curiosidade e sentirão necessidade de conhecimento, saciando-os – dentre outras possibilidades – (também) na literatura.

Nas conclusões de sua pesquisa, Biasioli (2007) defende que a produção literária infanto-juvenil é algo que deve ser sempre renovado, visto que os conceitos e as visões de infância, e mesmo de juventude, mudam frequentemente. A criança e o jovem de décadas atrás não têm o mesmo gosto que os de hoje em dia, e isso é comprovado por essa pesquisa. Isso nos ajuda a pensar o nosso próprio trabalho de pesquisa, não nos esquecendo do fato de que a leitura deve ser estimulada como um hábito prazeroso, longe de qualquer obrigação imposta pela escola e mesmo pelos pais, ao menos nos primeiros anos da infância. Assim, como o professor acaba por desempenhar um papel fundamental na iniciação do aluno ao mundo literário, cabe a ele a função de verificar o interesse de seus alunos, indicar-lhes obras de qualidade e saber identificar os livros que aguçaram o prazer da leitura desde cedo na vida das crianças.

1.1 FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL: A QUESTÃO DO TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO

Acreditamos ser válido trazer a discussão a respeito da formação de professores para a educação infantil, levando em conta que este foi um dos tópicos discutidos no momento de escolha do tema. Ao observarmos o momento em que estamos vivendo, podemos perceber que a educação infantil passou a ter uma visibilidade maior, juntamente com os profissionais da área.

Não é de agora que a educação infantil se tornou um tópico na área de pesquisa nas universidades, a relevância dessa etapa acentuou-se a partir dos anos 1990, com as novas definições legais e demandas sociais acerca da função da educação infantil e da função do profissional responsável.

Muitas foram as leis criadas para tratar especificamente da educação infantil, das crianças pequenas e dos professores responsáveis por elas. A tradição de assistencialismo foi rompida quando creches e pré-escolas foram definidas, ambas, como instituições educacionais. A educação de crianças de 0 a 6 anos nestes locais públicos foi reconhecida como dever do Estado e responsabilidade dos municípios, de acordo com a Constituição Federal, de 1988, e com o Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990.

Além das reformas nas leis, as mudanças sociais e econômicas também provocaram transformações importantes nos sistemas de ensino e, em consequência, no mercado de trabalho e no perfil dos professores. Talvez pela primeira vez em nosso país, começou-se a se pensar um perfil de um educador adequado às características e necessidades de alunos em diferentes fases de seu desenvolvimento. Ou seja, começou-se a se pensar na criança, no adolescente, no jovem, no adulto que se encontra escondido atrás da palavra “aluno”.

Ao inserir a educação infantil no âmbito da educação básica, como sua etapa inicial, a LDB 9394/96 acaba com as divergências sobre a denominação do profissional responsável pela educação infantil, pois estabelece a função docente para toda a educação básica. Esse aspecto pode ser considerado positivo, na medida em que indica o reconhecimento do professor como profissional docente desde a primeira

etapa da educação básica. Porém, quando tratamos da formação dada aos professores da educação básica, não somente da educação infantil,

a impressão que se tem, é como se as propostas nacionais de educação caminhassem ao um lado de um extenso rio e a realidade estivesse do outro lado da margem, no qual realidade e propostas educacionais fossem divididas pelas águas correntes dos acontecimentos do mundo. Parece-me que atravessar o rio e conhecer a realidade concreta é o que falta para os elaboradores de propostas de educação no nosso imenso Brasil. (MARTINS FILHO, 2009, p. 3)

A proposta de currículo para o curso de Pedagogia oferecido pelo MEC propõe uma mesma formação independentemente se o graduando atuará na educação infantil, séries iniciais do ensino fundamental, educação especial ou educação de jovens e adultos. É necessário questionarmos a importância de uma extensão do curso ou disciplinas optativas especializadas voltadas para determinadas áreas, onde o aluno teria a opção de aprofundar seus estudos em determinada etapa da educação, tornando-se apto e mais preparado para atuar na área escolhida previamente: como é o caso, por exemplo, da educação literária. No caso da Universidade Federal do Espírito Santo, por exemplo, atualmente, há uma única disciplina optativa no curso de Pedagogia que trata desse escopo (a educação literária e a literatura infantil), oferecida muito ocasionalmente, denominada “Literatura Infantil e Juvenil”.

Sabe-se quão recente é a discussão em torno da formação do profissional da educação infantil, e, por isso, exigem-se esforços para que haja uma superação das distâncias entre o discurso das políticas e sua efetivação objetiva. É preciso um trabalho em conjunto dos órgãos governamentais, da sociedade e principalmente dos centros e grupos de ensino e pesquisa das universidades. O Centro de Educação, principal articulador do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo, vem trabalhando na ampliação de estudos na área da Educação Infantil, particularmente com o Núcleo de Educação Infantil (NEDI), que desde 1997 está vinculado ao centro de Educação. De acordo com o sítio da UFES,

o NEDI tem como objetivo no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão: contribuir com a formação de recursos humanos para a área de Educação Infantil; promover parcerias entre o NEDI e os diferentes órgãos e/ou instituições; prestar assessoria pedagógica às entidades no que concerne a planejamento, orientação e execução

de projetos voltados a temática relativas à infância; realizar e promover Cursos, Simpósios, Oficinas, Encontros, Grupos de Estudo, com vistas à produção e socialização do conhecimento na área de Educação Infantil; contribuir com as ações coordenadas pelo Fórum Permanente de Educação e Desenvolvimento Infantil do Espírito Santo, em que assumiu a Secretaria Executiva do mesmo em 2004; além de atender ao curso de Pedagogia e outras instituições, o Núcleo de Educação Infantil tem como público alvo professores e alunos do curso de Educação Artística, Educação Física, Psicologia, Serviço Social, Mestrado em Educação e Especialização Lato Sensu. (NEDI, 2012. Acesso em 28 ago. 2012)

Esse papel do NEDI, articulado a outros movimentos, empreendidos, por exemplo, pelo NEPALES (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização, Leitura e Escrita), têm sido fundamentais para pautar a questão do trabalho com a linguagem (oral e escrita) na infância, e em particular no que tange uma área ainda tão incipiente na educação infantil (a despeito de esforços significativos que têm sido feitos desde as décadas de 1960 e 70, no Espírito Santo, no Brasil e na América Latina), que é o trabalho qualificado – e comprometido – com o texto literário.

2. O CORPUS PRINCIPAL E A METODOLOGIA DE ANÁLISE

Como já dissemos, nós selecionamos nosso *corpus* principal a partir de um duplo processo: a consulta a um site especializado em leitura e literatura infantil e juvenil (de onde retiramos os títulos elencados no Anexo 1, sugeridos para a idade de 4 e 5 anos) e algumas entrevistas com professores de educação infantil que atuam em escolas do município de Vila Velha (ES), nos grupos etários de 4 e 5 anos. Os professores, com auxílio da lista (para se lembrarem de possíveis títulos), indicaram obras com as quais já trabalharam ou atualmente têm trabalhado com as crianças desses grupos. Dentre as obras indicadas, tomando como critérios a variedade de projetos estéticos-ideológicos e a recorrência de alguns títulos, selecionamos três, que passamos a apresentar abaixo.

2.1 *POR FAVOR, OBRIGADO, DESCULPE*, DE BECKY BLOOM E PASCAL BIET

Os autores de *Por favor, obrigado, desculpe* são Becky Bloom e Pascal Biet. A primeira nasceu na Grécia, estudou arquitetura na Universidade da Califórnia, em Berkeley, EUA, e, desde então, morou e trabalhou em vários países. Em 1996, fundou a Siphano Picture Books, uma editora de livros infantis. Atualmente, mora na Inglaterra com seu marido, três filhos e vários animais. Já Pascal Biet nasceu em St. Laurent, no norte da França, estudou comunicação visual e ilustração no Communication e Multicréation em Blois, e agora trabalha e mora em Paris. Pascal Biet começou a ilustrar livros infantis em 1998.



Figura 1 – Capa de *Por favor, obrigado, desculpe*

Este livro, publicado originalmente na Grã-Bretanha, em 2002, teve a sua primeira publicação no Brasil no ano de 2003. Conta a história de dois amigos, um hipopótamo chamado Dudu e seu amigo Leopoldo, um guaxinim, que saem para passear pela cidade. Como Dudu se mostra um tanto mal educado, a pedido de sua avó, seu amigo Leopoldo fica encarregado de lhe ensinar boas maneiras enquanto passeiam pela cidade. Assim, a cada parada uma lição é ensinada. Ao todo são cinco lições: na cidade, comer fora, no parque, visitando amigos e em casa. Ao final da última lição, mesmo com algumas trapalhadas, Dudu consegue aprender as lições ensinadas por Leopoldo, para alegria de sua avó.

O livro não especifica a faixa etária à qual é destinado, apenas cita que é um livro de literatura infanto-juvenil. Toda a história do livro é contada de forma linear, o que para crianças mais novas é algo fundamental para o entendimento do mesmo. Durante a história os personagens passam por vários pontos da cidade, ou seja, transitam por diversos espaços sociais. Os diversos ambientes por onde os personagens circulam acabam por favorecer o reconhecimento do próprio leitor com a história que está sendo contada, assim, é possível que o leitor se veja em vários momentos narrados durante a história, como num passeio no parque, ou mesmo na

visita a um amigo. Isso auxilia para que o leitor não só compreenda, mas também se veja e se identifique com a história.

O foco narrativo é em terceira pessoa, e, apesar de não esclarecer a que faixa etária, o livro é destinado a crianças entre 3 (três) e 5 (cinco) anos, o vocabulário é de fácil compreensão, com uma linguagem simples e que leva a criança a uma apreensão direta da realidade. Em todo o livro o formato de letra utilizado é o de caixa alta, na cor preta. O livro traz um texto completamente moralizador, ele deixa claro que essa é a sua função: ensinar boas maneiras. Apesar de ser um livro alegre, colorido e com bastantes ilustrações, visa muito mais à moral do que ao prazer pela leitura.

O texto, com trapalhadas feitas pelos personagens principais, torna-se bem humorado, e, apesar da ótima qualidade de sua ilustração, elas deixam a desejar no momento em que se limitam apenas a ilustrar o que já foi contado pelo texto escrito, ou seja, é apenas o texto ilustrado, a imagem não enriquece a leitura e nem possibilita leituras mais ricas e mais amplas daquilo que o texto verbal já trouxera. O livro já está de acordo com a nova regra ortográfica e a qualidade de papel é excelente, sem transparência entre as folhas, o que ajuda a criança a não se confundir com o desenho e palavras da página anterior. O livro não possui numeração nas páginas.

A capa é amarelo mostarda, bem chamativa, de papelão, com o título centralizado na parte superior e escrito em letras médias; o nome dos autores vem logo abaixo do título, uma figura bem grande dos personagens principais no centro e logo abaixo da imagem vem o nome da editora (ver novamente a Figura 1, acima). Após a capa, vêm duas páginas inteiras, na cor verde, com várias figuras dos personagens principais em várias situações tidas como desagradáveis pelo livro (Figuras 2 e 3):



Figura 2

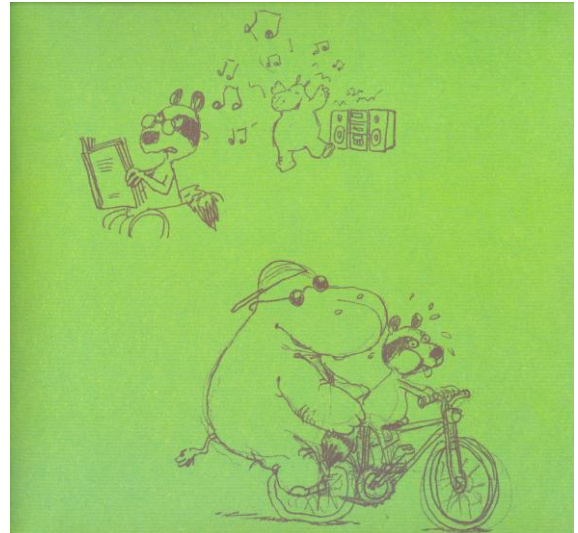


Figura 3

No canto superior direito da contracapa vem um quadro com um dos personagens e a seguinte frase: “Este livro está de acordo com a nova regra ortográfica”. No lado esquerdo vêm as informações da editora, tradução, publicação original e vida dos autores.

Na segunda página (Figura 4) começa a história, com letras caixa alta, na cor preta, em um fundo branco, e essa é a única página do livro reservada exclusivamente para o texto escrito, sem nenhuma imagem. Na terceira página (Figura 5) vem uma figura retratando o que já havia sido dito na página anterior, bem colorido, visível e alegre, mas sem nenhum elemento surpresa.

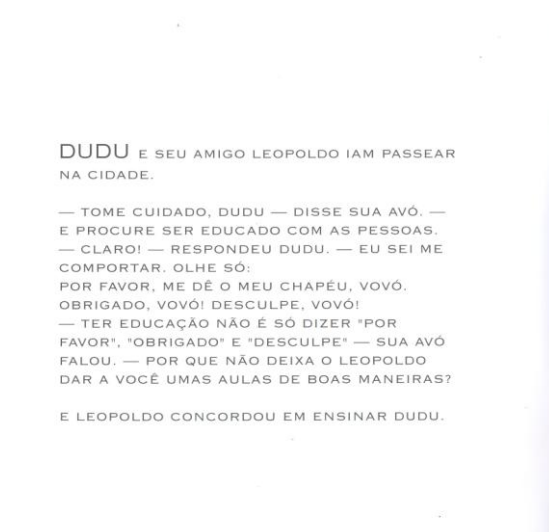


Figura 4



Figura 5

Na quarta e quinta páginas vem a primeira lição do livro que é denominada “Na cidade”, com uma figura que ocupa as duas páginas inteiras. Essa lição especifica como Dudu (e, por extensão, as crianças) deve se comportar ao ir passear pela cidade. Na imagem aparecem os personagens no banco da cidade e, em volta, quatro cartazes com o que se deve e não se deve fazer durante um passeio na cidade. Os cartazes também possuem desenhos, como se tivessem sido de fato desenhados por alguém para ilustrar o que vem sendo dito no cartaz.

Na oitava e na nona páginas, vem uma imagem que pega as duas páginas por completo, com um pequeno texto na parte superior esquerda, que mais uma vez retrata exatamente o que a imagem esta ilustrando, sem nenhum elemento novo.

Na décima e décima primeira páginas vêm a segunda lição do livro: “Comer fora” (Figuras 6 e 7). Na imagem que pega as duas páginas do livro os personagens estão em frente ao quadro de *menu* do restaurante, onde, ao invés de opções de pratos, estão descritas as maneiras de se comportar antes e durante as refeições. Na décima segunda página há tanto um texto escrito como imagens, o interessante é que para cada trecho escrito tem uma figura ilustrando a situação narrada (Figura 8).

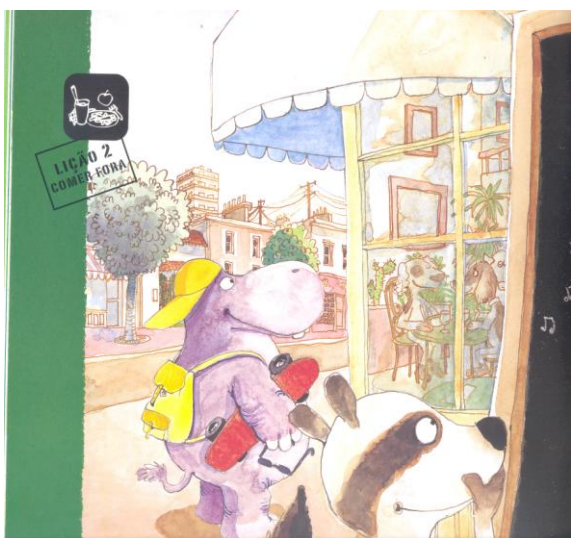


Figura 6



Figura 7



Figura 8

Na décima sexta e décima sétima páginas vem a terceira lição: “No parque”. Com uma imagem que toma as duas páginas, os personagens se encontram na frente de duas placas ilustradas que trazem os comportamentos tidos como aceitáveis no parque (Figuras 9 e 10).

Na vigésima segunda e vigésima terceira vem a quarta lição: “Visitando amigos”. Os personagens já estão reunidos, no que parece ser a sala da casa de um deles, e na parede cinco quadros com “dicas” de como se comportar bem em uma visita. A imagem toma as duas páginas (Figuras 11 e 12).



Figura 9



Figura 10

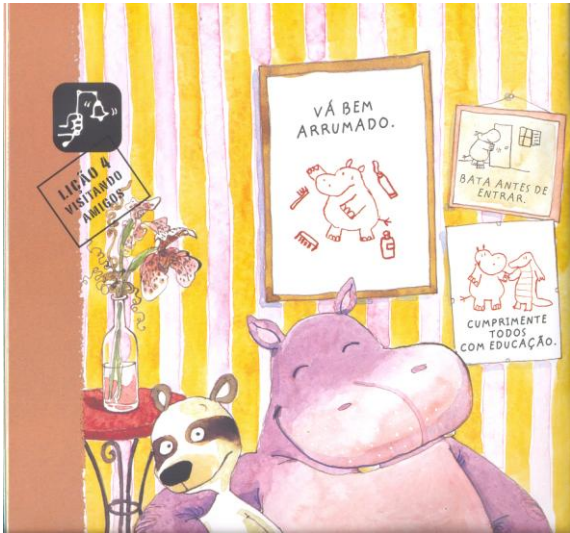


Figura 11

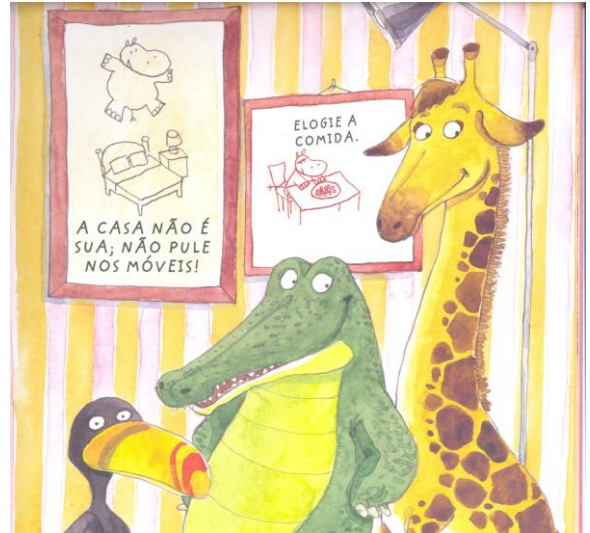


Figura 12

Na vigésima oitava e vigésima nona (figuras 13 e 14) páginas vem a quinta e última lição do livro: “Em casa”. Na imagem de duas páginas aparecem os dois personagens desenhando e pintando as lições que devem ser aplicadas dentro de casa. Na trigésima página vem mais alguns trechos escritos e imagens ilustrando esses trechos, e na trigésima primeira, uma imagem de página inteira referente ao assunto da página anterior.



Figura 13



Figura 14

Na trigésima segunda e trigésima terceira, mais uma imagem que toma as duas páginas, com um texto que pega quase que a primeira página inteira, retratando aquilo que já dizia a imagem. Essas são as últimas páginas escritas do livro, a história se encerra aí. Logo após essas páginas vêm duas páginas na cor rosa, que,

ao contrário das páginas de cor verde do início do livro, trazem várias imagens dos personagens fazendo boas ações e sendo gentis e educados, como se ao fim do livro suas atitudes e maneiras tivessem mudado para melhor, graças às lições aprendidas: o que reforça a natureza pedagógica que já denunciávamos, antes das análises.



Figura 15

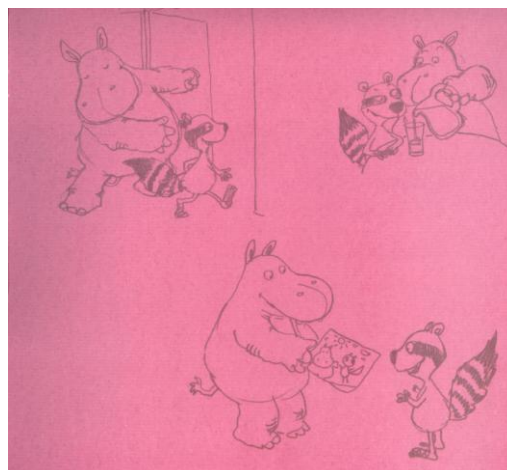


Figura 16

Na parte de trás do livro vem o resumo, o que nos chamou bastante atenção foi o fato de que no início do resumo aparece destacado em negrito e em letras de fontes diferentes o seguinte trecho: “Aprender boas maneiras...”. Portanto, antes mesmo de ler o livro, somente pelo resumo é possível saber do que se trata e qual a sua verdadeira destinação.

De nossa perspectiva teórico-metodológica, entendemos que o livro – como documento de um tempo – permite ver o tipo de compreensão que temos do livro, da leitura e da literatura: como pragmáticos, ou seja, destinados a algum fim que vá além do prazer – no caso, um fim doutrinador, que quer ensinar “boas-maneiras” (não que não seja necessário ensinar: mas é preocupante que uma das obras adotadas por professoras na educação infantil tenha essa propósito como único ou prioritário).

2.2 UM MUNDINHO DE PAZ, DE INGRID BIESEMEYER BELLINGHAUSEN

O livro “Um mundinho de paz”, de Ingrid Biesemeyer Bellinghausen, teve sua primeira edição em 2005. Ingrid Biesemeyer Bellinghausen é de São Paulo. Formou-se em Artes Plásticas e cursou pós-graduação em História da Arte. É autora de vários livros infantis, entre eles a coleção “O mundinho”, editada pela DCL. Cria e coordena oficinas de arte a partir de seus livros, o que a aproxima dos pequenos leitores. Sua arte é constituída de cores, contrastes e formas simples.



Figura 17

Este livro conta a história de homenzinhos que viviam em um mundinho repleto de paz, e um dia resolveram escrever o significado da paz, nas suas diferentes formas. O livro apresenta pequenas frases em letra de forma grande, dando significados à paz. Com ilustrações simples, porém bem coloridas em todas as páginas, o que favorece o interesse e a compreensão das crianças na faixa etária de 4 e 5 anos, além da preocupação na cor das fontes, que variam entre preto e branco dependendo da imagem do fundo, destacando assim o texto e facilitando a leitura. Outro aspecto atraente no livro é o seu tamanho (30x30 cm), que difere dos diversos livros, tendo esse um formato quadrado, com capa amarela e um desenho de um mundinho, com o título em letras de forma grande (Figura 17). Suas páginas têm boa espessura e não apresentam transparência, o que ajuda na leitura.

A história não acontece em um ou mais espaços, pois o tema que está em questão é apresentado em um plano indeterminado e atemporal, de que a narratividade clássica está ausente. O livro trabalha com os diversos significados de paz, trazendo-os de uma forma simples e acompanhados de imagens significativas para que a criança possa se auto-reconhecer, como na situação em que o livro apresenta que paz é fazer amigos, e há na imagem uma figura centralizada de dois homenzinhos sorrindo de mãos dadas. Mesmo tratando de um assunto relativamente sério para as crianças, que talvez não as leve a se divertirem e rirem com a história, neste livro, as imagens auxiliam de forma a transformar este assunto em algo mais próximo e possível para elas.

A ilustração muitas das vezes descreve o que vem escrito, mas em todas as páginas aparece de forma mais chamativa do que o texto, algo que é importante para os pré-leitores. Algumas imagens podem ser entendidas como o texto ilustrado (Figuras 18 e 19), mas outras, por se tratar de um assunto – paz – que não sabemos de fato o que é no concreto, auxiliam na complementação e na compreensão do que vem sendo escrito e outras imagens ainda são utilizadas como meio para o texto escrito (Figuras 20 e 21), de forma a fazerem parte do texto.

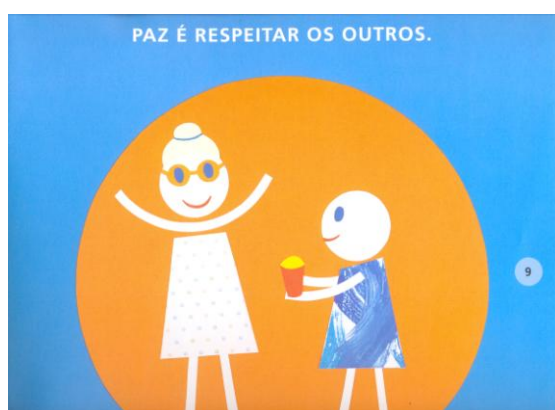


Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21

O foco narrativo é em 3ª pessoa, como se alguém, desconhecido para a criança, estivesse contando a história, ensinando o que é a paz. O vocabulário utilizado no texto é de simples compreensão para a faixa etária, porém não há um ritmo na história, algo que surpreenda ou que estimule o leitor a continuar a leitura.

Sua história, que inicia com um “era uma vez”, remete a criança aos contos de fadas, onde encontramos um enredo com início, meio e fim, esta, porém não apresenta de fato um final, está mais voltado ao ensinamento de boas maneiras e atitudes. Entendemos que essa obra é um pouco menos pragmática que a anteriormente analisada, mas, igualmente, privilegia o aspecto doutrinador, dando a ver uma instrumentalização da leitura literária.

2.3 FLICTS, DE ZIRALDO

Flicts é um livro infantil escrito e ilustrado pelo escritor e desenhista Ziraldo Alves Pinto. Editado pela primeira vez em 1969, foi traduzido para vários idiomas. Ganhou o prêmio internacional Hans Christian Andersen, considerado o mais importante na literatura infantil. É um livro repleto de ilustrações muito coloridas e bem feitas, com um texto poético. Apesar da palavra cor ser feminina, Flicts é masculino. O triste, feio e aflito Flicts percorre um caminho para encontrar-se, ter um lugar para viver e por onde passa ele é rejeitado (Figura 22).

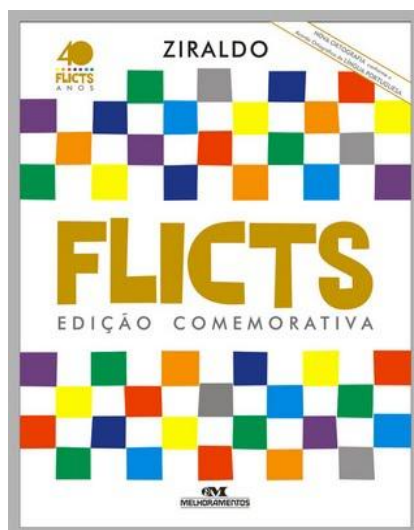


Figura 22

A história é contada em ordem linear, num espaço surreal, que favorece a imaginação e o divertimento no momento da leitura. Com uma linguagem que busca um agenciamento metafórico do mundo. Pode favorecer o auto e mútuo reconhecimento, levando em conta que o autor trata a cor – Flicts – de forma muito delicada, transferindo sentimento a algo tão comum no universo infantil, as cores. Trata a rejeição de forma bem clara, mas não a colocando face a face com o leitor, com um vocabulário e a sintaxe acessível às crianças. Aborda de um tema bastante delicado e o autor apresenta sua história com seriedade, de forma leve e divertida, variando no tamanho de fonte, formato de texto e posição do mesmo.

O foco narrativo é em 3ª pessoa, facilitando o entendimento da narrativa para os pequenos, e a história se inicia com o famoso “era uma vez”, o que de fato já atrai as crianças. A ilustração é bem diferente do que estamos acostumados a ver em livros infantis, por não se tratar de personagens que podem ser representados por animais, pessoas, objetos etc. A ilustração aparenta ser muito simples, mas acompanha o ritmo da história de uma maneira única, encantadora, interessante e criativa. O autor brinca com a ilustração, dando um ritmo para cada página, fazendo com que quem leia ou acompanhe a história ora acelere na leitura, ora pare para apreciar o que está acontecendo. Como nas páginas destacadas abaixo, onde Flicts se depara com o arco-íris e tenta encontrar o seu lugar, porém, as cores se juntam e deixam Flicts mais uma vez sem um lugar (Figuras 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29 e 30).

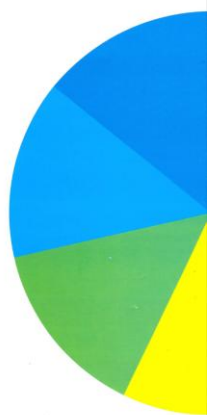


Figura 23



Figura 24



Figura 25



Figura 26



Figura 27



Figura 28

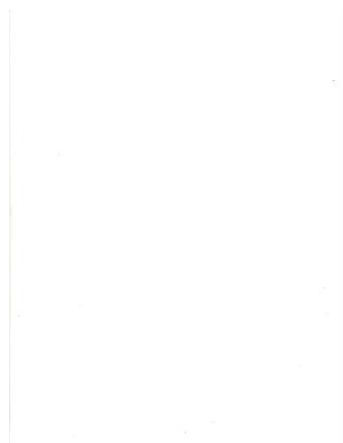


Figura 29

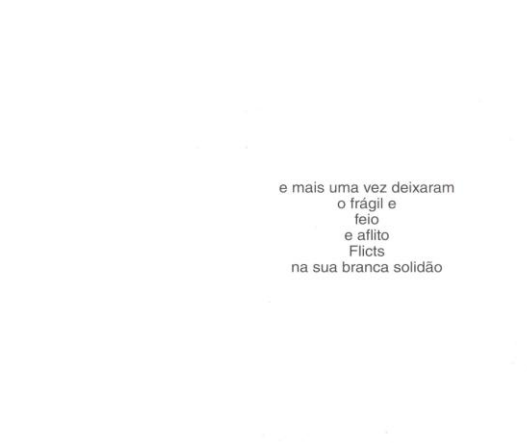


Figura 30

Temos outro momento do livro em que podemos perceber uma ilustração criativa que permanece conectada com a história escrita. Este momento do livro é quando o autor fala das variações de cor do mar.

Flicts, a cor, passa por várias situações, lugares e encontros à procura do seu lugar, até que no final da história, como se é esperado, ele finalmente descobre a que lugar pertence. Com um desfecho muito bom, o autor apresenta aos seus leitores onde Flicts finalmente está (Figuras 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39 e 40).

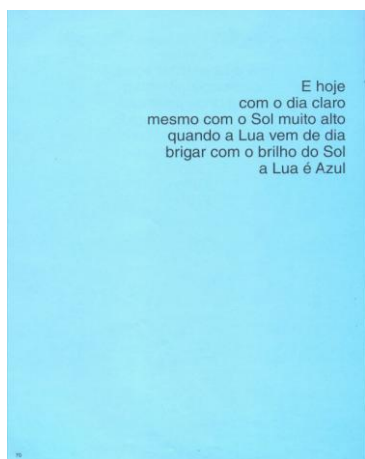


Figura 31

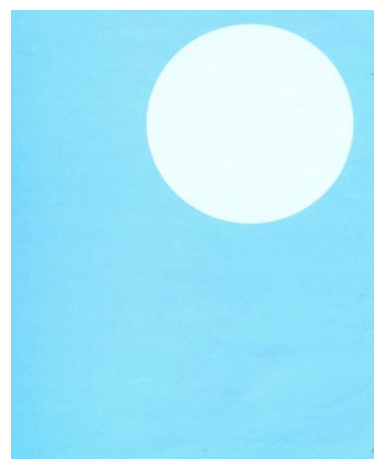


Figura 32



Figura 33

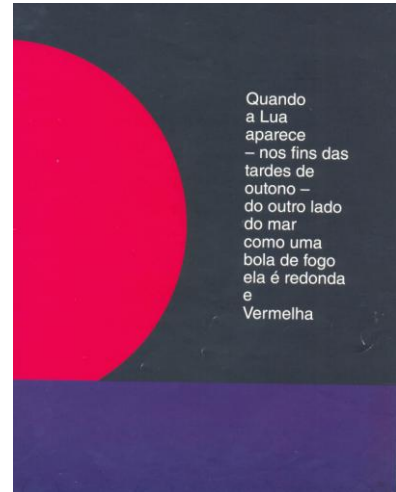


Figura 34

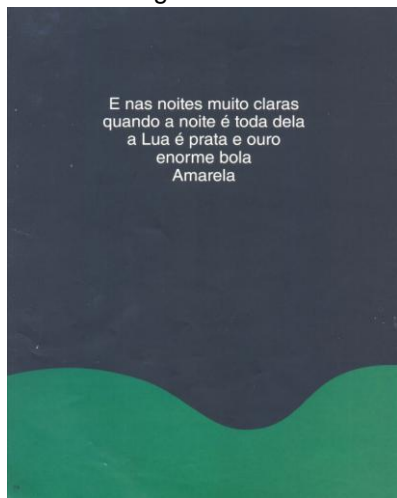


Figura 35



Figura 36



Figura 37

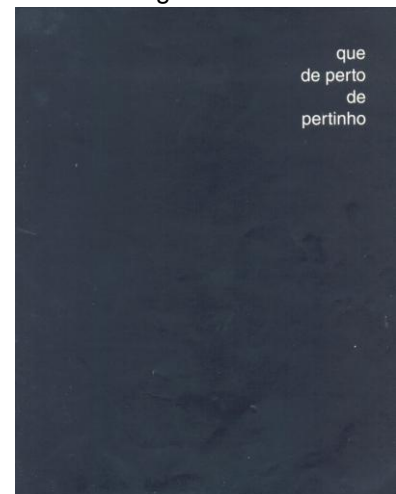


Figura 38

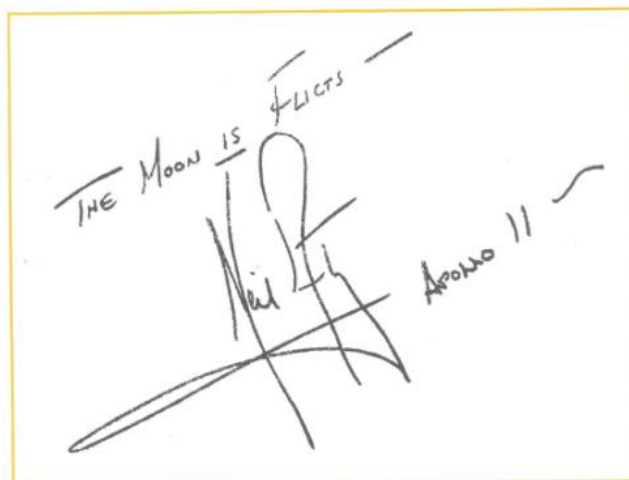


Figura 39



Figura 40

E, por fim, para comprovar aos seus pequenos leitores o verdadeiro lugar de Flicts, nas últimas páginas do livro pode-se ver um quadro com um recado de Neil Armstrong – o primeiro homem que pisou na Lua – dizendo que “A lua é Flicts”. (figura 41)



Quando Neil Armstrong – o primeiro homem que pisou na Lua – veio ao Rio de Janeiro, contei-lhe a história de Flicts e ele me confirmou que a Lua era, realmente, FLICTS.

Ziraldo

Figura 41

Embora Flicts tenha, também, uma moral, ou um propósito pedagógico (auxiliar a criança a entender e enfrentar a rejeição social e o fato de não se “encaixar” em nenhum modelo preexistente, o agenciamento metafórico (e indireto) da linguagem e das imagens (com espaços ou dobras para a inscrição da imaginação e da inteligência do leitor) faz com que seja um modelo de literatura mais interessante para a educação infantil.

3. CONTRIBUIÇÕES PARA O TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

3.1 OS ASPECTOS MATERIAIS E CONTEUDÍSTICOS DOS LIVROS: ESTRATÉGIAS E RECURSOS DE ABORDAGEM

Se pensarmos no que leva uma criança na faixa etária de 4 a 5 anos a escolher este ou aquele livro, são inúmeros os motivos que nos vêm em mente. Tema, ilustração, capa, cor, recurso extras, como os pop-up, som, textura, etc. A partir disso cabe ao professor identificar e saber interferir qualitativamente no processo de escolha do livro pela criança. É importante que os livros que ficam à disposição da criança já tenham passado por uma seleção do professor, isso evita situações como, “esse não pode” ou “esse aqui é melhor”. O professor deve interferir até certo ponto, mas nunca deixando de lado a autonomia da criança. A biblioteca em sala de aula, ou um cantinho da leitura é uma boa maneira de incentivar a imersão da criança no mundo literário, deve-se organizar não só o espaço, mas também garantir o tempo de acesso à leitura.

Os formatos e tamanhos também são considerados por eles, formatos não convencionais, como bichos, flores, bola, são pouco vistos e quando encontrados facilmente viram novidades. As texturas também têm lugar de destaque, além de serem raras em acervos de escola, por terem um custo mais elevado, por isso quando estão à disposição são facilmente escolhidos.

As capas representam hoje uma porta de acesso ao interesse das crianças pela leitura do livro propriamente dito. É através da capa que o professor pode instigar na criança o desejo de ler o livro por completo. Em conversas informais com professores de educação infantil, não é raro observar falas onde eles assumem usarem esse recurso com grande frequência, usando a criança como investigador, tentando descobrir através da capa um pouco da história que o livro traz. Essa pré-leitura nos leva a refletir mais uma vez a grande importância desse recurso nos livros de literatura infantil, e como uma capa atrativa e colorida facilita essa imersão da

criança no momento da leitura. Para crianças pequenas, em quem queremos desenvolver o interesse pelas histórias, é importante a gravura. O texto deve ser pequeno (e bom, já se sabe) para conduzir quase à observação das figuras. Para essa fase os livros costumam ser maiores que o normal, e muitos ganham o formato da personagem principal: um animalzinho ou uma criança, recortados. Os livros tornam-se até um apelo ao tato, e são bastante motivadores (SILVA, 2012).

Ao investigar a capa, analisando as ilustrações e o título do livro, a criança se sente parte desse processo, e essa investigação já constitui uma leitura daquele livro. Mais uma vez se faz importante uma boa intervenção do professor, que deve não só instigar que a criança pense, investigue e descubra pistas sobre os livros, mas que faça tudo isso de forma lúdica e prazerosa. Foi-se o tempo em que a ilustração era apenas imagem do texto escrito, embora seja assim ainda em alguns livros; em sua grande maioria os livros trazem ilustrações que nos proporcionam uma segunda leitura, e é interessante que assim o façam, com os livros de literatura infantil também tem sido assim. É importante que a ilustração estabeleça uma função complementar e de interação com o texto escrito, trazendo novidades à trama, isso não só atrai mais os olhares das crianças como também torna o texto mais divertido e curioso. A ilustração é o primeiro contato da criança com o livro, ela chega antes mesmo da fala do professor e por isso se faz tão importante.

A ilustração convive e faz parte do contexto da história da arte. Ela é um objeto de reprodução e está inserida em uma indústria cultural. Interrelaciona-se com outras linguagens, transita em um espaço multifacetado. Dialoga com o verbal, mas pode utilizar recursos advindos do cinema, da pintura, dos quadrinhos. Pertence a um período em que diferentes manifestações artísticas interagem, se interpenetram. Não há, ou não deveria ter, mais a divisão preconceituosa em arte maior e menor, nem a divisão rígida de categorias artísticas. (MOKARZEL, 1998).

O grande marco do desenvolvimento da qualidade gráfica dos livros de literatura infantil se dá no século XIX, na revolução industrial. Se antes as ilustrações que acompanhavam o texto tinham somente o papel de “enfeitar”, hoje esse horizonte se expandiu e vai muito além disso. As ilustrações devem abrir os olhos e as mentes das crianças de forma a atraí-las para o texto sem contar-lhes toda a história.

3.2 A POLÊMICA QUESTÃO DA FAIXA ETÁRIA E DA ADEQUAÇÃO

Dividir e classificar os livros de literatura infantil por faixa etária pode ser um erro se pensarmos que as características correspondentes a cada uma delas pode mudar, isto é, variam dependendo da criança e do meio em que ela está inserida. Portanto, não se pode afirmar com certeza que determinado livro de literatura infantil irá ou não agradar todas as crianças de uma mesma faixa etária. O processo de ensino-aprendizagem não é fixo, ele se dá a partir das relações sociais tecidas no convívio com outras pessoas, isso auxilia a criança no seu desenvolvimento intelectual e também tece sua personalidade. Assim, ao separar as crianças rigidamente por faixas etárias, estamos não só eliminando suas experiências sociais, como também generalizando seus gostos e escolhas. Por isso, os parâmetros que apresentamos a seguir são, claro, fluidos e servem apenas como uma espécie de referência.

As crianças na faixa etária de 5 anos de idade, nosso foco de pesquisa, se encontram na fase do mito. Segundo Cunha, 2006, nessa fase predomina a fantasia, o animismo, para essas crianças não existe diferença entre a realidade e a fantasia. Porém a autora afirma que o mais importante é deixar a criança em contato com todo tipo de obra literária e permitir que elas mesmas façam suas escolhas.

Na realidade, cada criança tem seus próprios limites, num desenvolvimento peculiar definido por muitos e diferentes fatores. Mais do que conhecer as fases do desenvolvimento infantil, importa conhecer a criança, sua história, suas experiências e ligações com o livro (CUNHA, 2006, p. 99).

Os catálogos de livros de literatura infantil seguem o caminho para consolidar as atitudes que definem esta ou aquela faixa etária; observar as faixas etárias indicadas nos livros ou catálogos, mas sem rigidez, se torna importante, desde que não se deixe a criticidade de fora; esse tipo de modelo (que cristaliza as crianças e os livros por faixas etárias) visa a universalização dos leitores. Abaixo trazemos um exemplo de parte de um catálogo de livros de literatura infantil (esses impressos são

distribuídos livremente todos os anos em várias escolas, públicas e particulares), para ilustrar o tipo de classificação de que estamos falando:

Catálogo de literatura infantil e juvenil da Editora Autêntica 2011

Para os Bem Pequenos

Faixa etária sugerida: 0 a 3 anos

Histórias bem-humoradas para crianças de 0 a 3 anos.

Também recomendadas para pré-leitores.

Coleção Histórias do Coração

Faixa etária sugerida: Vários livros com sugestões a partir dos 5, 6, 7, 8, 9, e 10 anos.

Os livros desta coleção contam, sem palavras, histórias de encontros e descobertas. São narrativas desenhadas, coloridas, nas quais o leitor de qualquer idade pode mergulhar e descobrir, a cada leitura, novos sentidos para as imagens, novas vivências para as personagens e um prazer sempre renovado.

Coleção Giramundo Reconta

Faixa etária sugerida: Vários livros com sugestões a partir dos 9, 10, 11, 12, 13 e 14 anos.

Desde sua criação, em 1970, os bonecos do grupo Giramundo contam histórias nos palcos do Brasil e de outros lugares do mundo. Agora, depois de 40 anos de existência, resolveram trazer pra você, em livros, contos narrados pelo Zé do Conto, boneco que anda pelo mundo vivendo e ouvindo histórias e que nasceu para recontar, em linguagem coloquial, contos clássicos e populares (brasileiros e de outros países) para leitores a partir de 9 anos. Com perspectiva de futura encenação, cada livro é uma festa para os olhos e para a imaginação, com seus cenários e bonecos criados especialmente pelo Giramundo para esta coleção.

Esse tipo de classificação não considera a grande diversidade cultural e social existente no nosso país, sabemos que nem todas as crianças têm as mesmas oportunidades e acabam se desenvolvendo de maneiras e em tempos diferentes, cabe à escola o papel de respeitar e valorizar a individualidade de cada uma dessas crianças, e assim despertar o gosto e o prazer pela leitura.

Sabemos que a faixa etária não pode ser uma regra na hora de escolher o livro de literatura infantil. Devemos lembrar que as crianças não escolhem os livros pela faixa etária, há outros fatores que despertam seu interesse, como capa, ilustrações, cores, etc. Porém nossa constatação não é o fim do problema, a questão da faixa etária ainda é pouco estudada e comentada, mas sabe-se que somente a faixa etária não é fator principal para destinação de livros de literatura infantil. Não

estamos de maneira nenhuma desmerecendo ou minorando a classificação por faixa etária, porém destacamos que ela somente não pode ser o único motivo para se ler um determinado livro para uma determinada turma.

É importante que o professor ofereça diversos livros às crianças com o intuito de despertar a curiosidade e o prazer pela leitura desde cedo; independentemente da faixa etária, o livro que melhor irá servir para essa ou aquela criança será aquele que despertar nela a magia da leitura.

Assim, a escolha de obras para o acervo das bibliotecas ou para recomendação de leitura extraclasse nem sempre é a mais adequada: os mesmos títulos são impingidos aos alunos, anos a fio, sem a renovação que a dinâmica do processo educativo exige para o próprio educador e para o educando. O que acaba definindo a escolha é a consulta pura e simples dos catálogos das editoras (que, evidentemente, só darão boas referências de seus títulos) ou a doação de livros, que apenas as grandes editoras podem fazer [...]. Contra essa situação não se tem feito muita coisa. Diremos mesmo que contra algumas dificuldades não há como lutar. Mas acreditamos que um ponto pode ser atingido: o educador. Pode-se trabalhar com ele, melhorar seus conhecimentos e sua visão quanto à matéria Literatura Infantil (CUNHA, 2006, p. 11).

4. ANALISANDO LIVROS DE LITERATURA INFANTIL: PRÊMIOS E CLASSIFICAÇÕES

4.1 FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL: LIVROS ALTAMENTE RECOMENDADOS

A FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) recebe das editoras as primeiras edições dos livros publicados, anualmente, para análise e seleção. Depois de lidos, os livros considerados de melhor qualidade são selecionados para fazer parte do Acervo Básico da FNLIJ, criado em 1996, com o objetivo de orientar a compra de um acervo inicial por Secretarias de Educação, escolas e bibliotecas.

Desse acervo básico surge a seleção Altamente Recomendáveis/FNLIJ (Tabela 1). São os dez melhores livros nas categorias: criança, jovem, imagem, poesia, informativo, tradução (criança, jovem e informativo), cujos escritores, ilustradores, tradutores e editores recebem a láurea Altamente Recomendável, criada em 1975.

ALGUNS LIVROS PREMIADOS 2012 – 2011

Categoria	Título	Escritor	Ilustrador	Editora
Criança	O alvo	Ilan Brenman	Renato Moricoti	Ática
Livro-Brinquedo	Na floresta do bicho-preguiça	AnouckBoisrobert e Sophie Strady. Trad. Cássia Silveira	Louis Rigaud	Cosac Naify
Tradução/Adaptação Criança	Uma noite muito, muito estrelada	Jimmy Liao. Trad. Lin Jun e Cong Tangtang		Edições SM
Tradução/Adaptação Criança	Fonchito e a Lua	Mario Vargas Llosa. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht	Marta Chicote Juiz	Objetiva

Tabela 1

Essa distinção (o selo “Altamente Recomendável”), por ser muito respeitada e tradicional, feita por um coletivo de profissionais com distintas formações e

experiências profissionais e situados em espaços os mais variados, é um bom parâmetro para o professor considerar, na hora de selecionar um repertório de títulos para a educação infantil. Não estamos, com isso, defendendo que os livros que recebem essa distinção sejam, efetivamente, os melhores (sabemos das questões políticas envolvidas na atribuição de qualquer prêmio); no entanto, parece-nos que seja um critério relativamente seguro verificar se o livro recebeu ou não essa distinção.

4.2 O PRÊMIO JABUTI

O prêmio Jabuti foi criado em 1958, porém foi em 1957, em meio as discussões de Edgar Cavalheiro, Mário da Silva Brito e os outros membros da diretoria do biênio, que surgiu a ideia de se premiar autores, editores, ilustradores, gráficos e livreiros que mais se destacassem a cada ano. Foi na diretoria presidida por Diaulas Riedel, que veio a confirmação, não só da escolha do jabuti para a nomeação do prêmio, como também da realização do concurso que elegeria um escultor para a confecção da estatueta, vencido por Bernardo Cid de Souza Pinto.

O Prêmio Jabuti é considerado o mais tradicional prêmio do livro no Brasil, ganhou esse nome em referência à pequena tartaruga que ganhou vida e personalidade marcante nas fabulações de Monteiro Lobato em “Reinações de Narizinho”, sempre obstinada e apta a vencer obstáculos. Assim, ganhou a simpatia dos dirigentes da CBL, que elegeram esse nome a fim de homenagear e promover o livro. O diferencial desse prêmio é não favorecer somente escritores, ele abrange várias áreas envolvidas na criação e produção de um livro; em 2011 foram 29 categorias contempladas.

Ganhar o Prêmio Jabuti é considerado um grande feito, significa ter sua obra destacada dentre tantas obras de crédito e respeito na comunidade intelectual brasileira. Além de todo esse *status* o vencedor também leva uma estatueta e um prêmio em dinheiro. Podem participar editores, escritores, escritores independentes, tradutores, ilustradores, produtores gráficos e designers. Se, por um lado, isso

contribui para a permanência de certos cânones, por outro legitima a revisão e reinvenção deste, quando profissionais “surpresa” (fora do *establishment*) são contemplados.

O primeiro lugar de cada categoria recebe o troféu e o prêmio em dinheiro no valor de R\$ 3 mil. O Livro do Ano Ficção e o Livro do Ano Não-Ficção, cada um desses, recebem um prêmio em dinheiro no valor bruto de R\$ 30 mil. Por sua abrangência, o Jabuti é considerado o maior e mais completo prêmio do livro no Brasil.

Edições Anteriores - Prêmio 2010

Categoria	Título	Escritor
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil	Já Já: A história de uma árvore apressada	Paulo Rea
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil	O Lobo	Nair Elisabeth da Silva Teixeira
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil	Marginal à esquerda	Ângela Lago
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil	O tamanho da gente	Manoel Veiga
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil	O passarinho que não queria ser cantor	Luiz Maia
Infantil	Os herdeiros do lobo comboio de corda	Nelson Cruz
Infantil	Carvoeirinhos	Roger Mello
Infantil	A visita dos 10 monstrinhos	Ângela Lago

Tabela 2

Edições Anteriores - Prêmio 2008

Categoria	Título	Autor
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil	Toda criança gosta...	Mariana Massarani
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil	João Felizardo	Ângela Lago
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil	Poeminha em língua de brincar	Martha Barros

Infantil	Sei por ouvir dizer	Bartolomeu Campos de Queirós
Infantil	O menino que vendia palavras	Ignácio de Loyola Brandão
Infantil	Zubair e os labirintos	José Roger Soares de Mello

Tabela 3

Edições Anteriores - Prêmio 2006

Categoria	Título	Autor
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil	Cacoete	Eva Furnari
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil	Palavra cigana: seis contos nômades	StephanDoitschnoff
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil	Contos da montanha	Lúcia Hiratsuka
Infantil	Um garoto chamado Rorbeto	Gabriel O Pensador
Infantil	Chapeuzinho adormecida no país das maravilhas	Flávio de Souza
Infantil	Cacoete	Eva Furnari

Tabela 4

Como já dissemos, essa premiação assegura – praticamente – uma obra de inequívoco valor; por ser muito respeitada e tradicional, feita por um coletivo de profissionais com distintas formações e experiências profissionais e situados em espaços os mais variados, é um bom parâmetro para o professor considerar, na hora de selecionar um repertório de títulos para a educação infantil. Não estamos, com isso, defendendo que os livros que recebem o Jabuti sejam, efetivamente, os melhores (sabemos das questões políticas envolvidas na atribuição de qualquer prêmio); no entanto, parece-nos que seja um critério relativamente seguro verificar se o livro recebeu ou não o Jabuti, pois, como a premiação literária mais importante, ajuda na hora de legitimar / confirmar uma dada escolha.

CONCLUSÃO

Em nossa pesquisa buscamos apontar critérios que julgamos importantes serem avaliados pelo professor antes de apresentar um livro literário aos seus alunos. Sabemos que é nessa fase que as crianças têm um contato maior com a literatura e conseqüentemente começam a desenvolver o gosto pela leitura. Por isso, julgamos importante que o professor considere tais critérios com o intuito de auxiliar sua prática diária e favorecer assim o desenvolvimento de seus alunos: mapeamos a história da literatura infantil brasileira (porque nos parece importante que o professor saiba situar, historicamente, o tipo de livro que elege); depois, focalizamos a materialidade dos livros, considerando seu maior ou menos teor pragmático, moralizante e/ou pedagógico; em seguida, pautamos a questão da faixa etária; e, por fim, mencionamos a existência de premiações literárias legítimas, que podem ser tomadas como um “norte” para orientar escolhas dos professores.

Concluimos que ler para as crianças envolve muito mais do que apenas abrir um livro qualquer e lê-lo. O professor deve estar atento aos complexos mecanismos que envolvem essa ação, como escolher o livro que aparenta ser adequado para a turma/aluno, organizar espaços próprios para os livros e para o momento de leitura, assim como o tempo e a conversa inicial. Não podemos apresentar uma lista de livros e dizer que estes são os adequados, do mesmo modo que o professor não deve utilizar do mesmo acervo de livros repetidos por anos e em diferentes turmas. É imprescindível conhecer a turma e, se possível, particularidades de cada aluno, pois só assim o professor pode apresentar livros mais interessantes e estimulantes. E, mesmo assim, não é garantido que a escolha será “a certa”; o que conta é a pluralidade de opções e a diversidade de livros que as crianças terão contato e de alguma forma sentirão o prazer na leitura.

Além de proporcionar um momento de prazer e relaxamento, a leitura deve abrir os horizontes das crianças, e para tal é importante que o livro escolhido não se finde apenas no caráter educativo, e sim que priorize a magia e o encantamento característico de uma boa literatura. Não estamos minorando os livros de caráter

educativo, mas quando o assunto é literatura infantil, estes deixam a desejar no quesito principal da literatura: o prazer da leitura e o alargamento das experiências humanas.

Sendo assim, é preciso que o professor planeje sua aula e a partir disso perceba em que caminho quer seguir: uma aula de ensinamentos estanques, rotineiros, previsíveis, ou uma aula onde o foco é a literatura? Não estamos desconsiderando a possibilidade de uma literatura que contenha ensinamentos pedagógicos, mas é preciso uma análise prévia dos livros que se pretende trabalhar em sala de aula, tendo clareza do que são e ao que se prestam.

Considerando o crescimento do mercado na área de literatura infantil, é preciso atenção e um olhar criterioso na escolha dos livros. A faixa etária que um livro é destinado de fato se faz importante, mas em momento algum deve ser o único ponto julgado pelo professor. Outros fatores também se fazem importantes na hora da análise do professor, a capa, a textura, as cores, tamanhos e formas também devem ser consideradas, além da qualidade textual e do modo de aproximação entre criança e livro, criança e leitura.

Devemos lembrar que cada criança é única, com aprendizados e desenvolvimento único, embora situados histórica, social e culturalmente, por isso fazer com que a criança tenha autonomia na hora da escolha do livro também pode fazer a diferença na vida do pequeno leitor. Sabemos que na correria do dia a dia poucos professores têm tempo de parar e avaliar os livros que lerão aos seus alunos, mas ressaltamos a importância que esse ato tem no desenvolvimento dos mesmos. No capítulo quatro do nosso TCC, fizemos menção a dois caminhos que estão à disposição do professor e que podem auxiliá-lo no momento da escolha dos livros. Porém o avaliador final deve sempre ser o aluno, se ele gostou do livro escolhido e o livro o fez se interessar e se aprofundar mais no universo literário o professor terá então a certeza que foi feita a escolha certo livro, e ele – tanto o professor quanto o livro – cumpriu seu papel: encantou o leitor.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Lia Cupertino Duarte. **A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino**. Ourinhos, 2010. Disponível em: <http://litteratu.com/literatura_infantil.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2011.

BIASIOLI, Bruna Longo. As interfaces da literatura infanto-juvenil: panorama entre o passado e o presente. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, São Paulo, v. 9, 2007

BIER, Marilena Loss. **A criança e a recepção da literatura infantil contemporânea: uma leitura de Ziraldo**. [s. l.]: Tubarão, 2004.

BONETTI, Nilva. **O professor de educação infantil um profissional da educação básica: e sua especificidade?** In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). GT: Educação de Crianças de 0 a 6 anos, n. 07.

CAMPOS, Maria Malta. A formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate. **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 68, Dezembro/99.

CARVALHO, Denise Maria de; CARVALHO, Tânia Câmara Araújo de. **Educação infantil: história, contemporaneidade e formação de professores**. In: Congresso Brasileiro de História da Educação. II. 2002. Natal. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/3117.pdf>>. Acesso em: 09 de abril de 2012.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil**. 4. ed. São Paulo: Quiron, 1987.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

DALVI, Maria Amélia; SALGUEIRO, Wilberth. **Proposição de critérios para a seleção de textos para leitura literária na escola**. Universidade Federal do Espírito Santo, 2010 [mimeo].

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. Disponível em: <<http://www.fnlij.org.br>>. Acesso em: 25 de abril de 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LEMOS, H. D. D. Viagem ao mundo da imaginação: uma breve história da ilustração na produção literária para crianças. In: COENGA, R. (Org.). **Leitura e literatura infanto-juvenil**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2010, p. 301-318.

MARTINS FILHO, Altino José. **Educação infantil, formação de professores e produção de conhecimentos**. In: International Association for Critical Realism XII. 2009. Niterói. Disponível em: <<http://www.uff.br/iacr/ArtigosPDF/22T.pdf>> Acesso em: 27 de setembro de 2011.

MOKARZEL, Marisa de Oliveira. **O era uma vez na ilustração**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. Dissertação (Mestrado) - Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Spione, 1998.

O'SAGAE, Peter. **Da capa para dentro do livro: estratégias para enredar o leitor na história...** Universidade de São Paulo (USP), Disponível em: <<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=824>>. Acesso em: 20 de março de 2012.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil: voz de criança**. São Paulo: Ática, 2006.

PRÊMIO JABUTI. Disponível em: <<http://www.cbl.org.br/jabuti>>. Acesso em: 20 de abril de 2012.

RAUPP, Fabiano Maury; Beuren, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, Ilse Maria; LONGARAY, André Andrade (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ROCHA, Gladys. **Eu quero aquele... esse aqui não... cenas de percepções infantis presentes na escolha do livro**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, s. d.

RODRIGUES, E. A.; BERTOLETTI, E. N. M.; FREITAS, L. S. **A questão da faixa etária na literatura infantil**. In: Simpósio Científico-Cultural, Produção do conhecimento: a pesquisa em foco, 2006, Paranaíba. Disponível em: <<http://periodicos.uems.br/novo/index.php/anaispba/index>> Acesso em: 02 de abril de 2012.

SILVA, Vera Lúcia Rodrigues da. **O ensino da literatura infanto-juvenil**. Disponível em: <http://sigplanet.sytes.net/nova_plataforma/monografias../3505.pdf>. Acesso em 29 ago. 2012.

TURCHI, M. Z. O estético e o ético na literatura infantil. In CECCANTINI, J. L. C. T. (Org.). **Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2004, p. 38-44.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. NEDI – Núcleo de Educação Infantil. Disponível em: <<http://www.ce.ufes.br/nucleos/nedi.asp>>. Acesso em: 23 abril 2012.

ANEXO 1

24 obras indicadas para leitura de crianças de 4 a 5 anos, pelo sítio eletrônico “Educar para crescer”.

FLICTS: O clássico de Ziraldo, que completa 40 anos, conta a história de uma cor feia, frágil e aflita que procura, procura e procura seu lugar no mundo. Além da poesia visual, o livro trabalha o respeito às diferenças. O final surpreendente emociona a criançada. Autor: Ziraldo

ONDE ESTÁ A MAMÃE: Este livro aborda a questão do estabelecimento de vínculos afetivos, o que é importante de ser trabalhado desde cedo. Os patinhos que nascem e não encontram a mãe no ninho se veem sem referencia e a partir disso a autora abrange a importância das relações familiares. Autor: Theresinha Casasanta

AMANHECER NA ROÇA: Por meio de rimas e ritmos, o autor mineiro traz para as crianças um pouco da diversidade do mundo do interior e dos animais do campo. Autor: Ronaldo Simões Coelho

COBRA ZOLA: Com um pouco de massa de modelar, as crianças fizeram a cobra Zola e dali surgiu uma divertida história. O livro desperta para a possibilidade de brincar de modelagem com canções, rimas e exercícios de ritmo. Maria José da Serra

...E A LUA SUMIU: Por ter a noite como tema principal, o livro é interessante para despertar a curiosidade dos alunos sobre novos assuntos, como astronomia, mudanças lunares, animais noturnos e o que acontece com a noite. Autor: Milton Célio de Oliveira Filho

POR FAVOR, OBRIGADO, DESCULPE: O livro mostra que aprender boas maneiras, que vão desde o respeito com os colegas até como se comportar em um jantar, pode ser divertido. Autor: Becky Bloom e Pascal Biet

O SAPO ENCONTRA UM AMIGO: É uma ótima maneira de transmitir às crianças a relevância de sentimentos como o amor, o respeito e a amizade. Autor: Max Velthuijs

GABRIEL, JÁ PARA O BANHO: De maneira bem-humorada, os autores exploram questões do dia a dia como o banho, que muitas vezes é motivo de briga entre pais e filhos. O livro é legal para conscientizar as crianças da importância da higiene pessoal. Autor: Ilan Brenman e Silvana Rando

VIA LATA: A partir da história de um cachorro abandonado, o livro desperta no público infantil o amor ao próximo. Questões como valores, sensibilidade e amizade são colocadas fazendo um paralelo entre a relação dos homens com os animais e com os próprios homens. Autor: Stephen Michael King

ANTON SABE FAZER MÁGICA: Enfoca ao otimismo, ressalta o que a criança é capaz de realizar. É legal para aumentar a auto-estima, a auto-confiança e mostrar que as dificuldades podem ser enfrentadas. Autor: OleKonneche

COLEÇÃO DÓ RÉ MI FÁ: Os livros da coleção trabalham de diferentes maneiras as diferenças de opiniões. Em alguns, a rima é bastante trabalhada o que mostra às crianças um outro jeito de contar história. Autor: Vários autores

COLEÇÃO SABOR E AMIZADE: Estimula a imaginação e trabalha com as percepções, colocando a criança para pensar em si mesma e em suas questões. Autor: Tatiana Belinky

GRANDES POEMAS EM BOCA MIÚDA: Caixa com 16 pequenos livros com poesias de diversos autores famosos de nossa literatura. Tudo ilustrado com a mais bela arte. Entre os autores estão Ferreira Gullar, Machado de Assis, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, entre outros. Organizadores: Laura Sandroni e Luiz Raul Machado

COCÔ DE PASSARINHO: Como outras histórias de Eva Furnari, esta é inteligente e divertida. Autor: Eva Furnari

BEM BRASILEIRINHOS: Coletânea de poeminhas sobre os animais brasileiros, fala sobre preservação e os cuidados com a fauna e tem linda ilustração. Inclui ainda CD. Autor: Lalau e Laura Beatriz

A VELHINHA QUE DAVA NOME ÀS COISAS: Uma história delicada que fala sutilmente sobre o amor, a velhice e o medo da morte. Autor: Cynthia Rylant

UM PORCO QUE VEM MORAR AQUI: Esta é uma história encantadora que fala de preconceito de uma maneira bem simples e eficiente. Como aceitar o outro sem pré-julgamentos. Autor: Claudia Fries

O MENINO E O JACARÉ: Uma antiga lenda indígena lindamente ilustrada. Autor: Mate

RÁPIDO COMO UM GAFANHOTO: Texto curto que ajuda leitores iniciantes que querem se arriscar, complementado pela interessante ilustração. Autor: Audrey Wood

WINNIE, A FEITICEIRA: Divertido conto sobre uma bruxa atrapalhada e seu gato. As crianças adoram. Autor: Korky Paul e Valerie Thomas

A BRUXA SALOMÉ: Das histórias sobre bruxas, esta é uma das mais bonitas, o enredo e a ilustração vão envolvendo o leitor-ouvinte. Dá um pouco de medo, mas garante um final feliz. Autor: Audrey Wood

O NABO GIGANTE: As crianças adoram a repetição nas histórias. Este texto divertido também dá a ideia de que a união faz a força. Autor: Aleksei Tolstoi e Niamh Sharkey

O PRÍNCIPE SEM SONHOS:A história de um príncipe dos dias de hoje, uma criança que tem tudo, mas precisa aprender a sonhar. Autor: Márcio Vassalo

ANEXO 2

Questionário¹ apresentado aos professores de educação infantil (4-5 anos):

1. Quais desses 24 livros você conhece? (Vide Anexo 1)
2. Quais dos livros abaixo você já leu para seus alunos?
3. Além dos livros abaixo, indique 2 outros livros que você usa com mais frequência em sala de aula.
4. Quais os critérios que você considera na hora de escolher um livro para seus alunos?
5. O que é mais importante no livro, o prazer da história em si ou a moral que ele traz?
6. Qual o objetivo de ler para crianças de 4 e 5 anos?
7. Qual a importância da literatura na Educação Infantil?
8. Você tem o hábito de ler para seus alunos?
9. Você permite que eles mesmos façam sua própria leitura do livro?
10. Na escola em que você trabalha existe uma variedade de livros destinados à faixa etária dos seus alunos?

¹ Por limitações de tempo e espaço, grande parte dos dados obtidos a partir desses questionários serão explorados em uma pesquisa futura.

